

TINTA DA CHINA

CARLOS SILVEIRA

JORGE BARRADAS

—

NO JARDIM DA EUROPA

LISBOA | TINTA-DA-CHINA E MNAC | MMXXIII

REVISITAR PARA REDESCOBRIR: ‘JORGE BARRADAS NO JARDIM DA EUROPA’

Em 2019, a Fundação Millennium bcp, o Instituto de História da Arte (IHA) da FCSH/NOVA e o Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) firmaram uma parceria inédita que potenciou a missão central da Fundação Millennium bcp enquanto agente de criação de valor na sociedade, com o seu compromisso de apoio à Cultura. No âmbito dessa parceria, já se realizou, em 2021, a exposição *Francis Smith: Em busca do tempo perdido*, cuja monografia, resultante da investigação inédita viabilizada pela bolsa da Fundação Millennium bcp a um investigador do IHA, foi dada à estampa numa edição conjunta do MNAC com a Tinta-da-china. Em 2023, e na sequência de nova bolsa de investigação, reencontramos mais um modernista, cuja obra, há muito sem exposição e sem nova investigação, é agora revista e mostrada ao grande público.

Um dos artistas de referência da primeira geração de modernistas, Jorge Barradas (1894-

-1971) integrou as exposições do grupo dos Humoristas na década de 1910. A sua obra vai do desenho humorístico à pintura, com particular expressão na cerâmica, tanto na arte azulejar como na modelação, tendo trabalhos escultóricos em cerâmica que cobrem desde o espectro dos objectos do quotidiano até à intervenção em arquitectura. Estamos, assim, na presença de uma das mais interessantes renovações das práticas artísticas em Portugal na primeira metade do século XX. É este autor que a exposição na Galeria Millennium bcp apresenta e de que esta monografia dá testemunho.

A aposta cultural da Fundação Millennium bcp prossegue, consistentemente, no apoio à investigação académica, desta vez através do notável trabalho desenvolvido por Carlos Silveira no levantamento da obra de Jorge Barradas e na sua reavaliação histórica.

**ANTÓNIO
MONTEIRO**
Presidente da
Fundação Millennium bcp

O tempo passa sobre tudo, incluindo sobre os artistas, as suas obras e o conhecimento que delas permanece entre o público. Jorge Barradas (1894-1971), artista cujo traço iluminou, com humor e elegância, as revistas modernistas e cuja obra se aplicou em registos diversos, da pintura à cerâmica, tendo vasta obra pública, há muito que não era objecto de investigação aturada, sendo a última o grande estudo levado a cabo pelo historiador António Rodrigues, há quase 20 anos, e dado à estampa pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Era, portanto, chegado o tempo de repensar a obra e visitar a biografia, actualizar a bibliografia e, sobretudo, reapresentar este autor ao grande público, através de uma exposição e de nova publicação.

Nascido em Lisboa em 1894 (cidade onde veio a falecer em 1971), Barradas foi um dos responsáveis pelo moldar da ideia de modernidade. Do desenho humorístico às composições sintéticas, estilizadas, que ilustraram capas e páginas de revistas e periódicos numa inovadora e sedutora crónica sociocultural do tempo, até à mais continuada actividade na cerâmica, explorando e renovando a tradição azulejar, intervindo ino-

vadoramente na decoração da arquitectura, ou moldando peças de incontornável elegância e novidade formal, Barradas experimentou ainda a pintura e, até ao fim da sua vida, trabalhou e deu prova de curiosidade plástica e de resistência ao desânimo, em constantes tentativas de actualização.

É este autor que o Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) apresenta, através da maior exposição realizada até hoje sobre o artista, cobrindo todo o período de seis décadas da sua multifacetada carreira. Apresentando mais de seis dezenas de obras, de colecções institucionais e particulares, com destaque para as colecções do Millennium bcp, da Fundação Calouste Gulbenkian e do Museu Nacional do Azulejo, e incluindo também obras de pintura do MNAC, a exposição *Jorge Barradas: No Jardim da Europa*, realizada no âmbito do protocolo existente entre o MNAC, o Instituto de História da Arte (IHA) da FCSH/NOVA e a Fundação Millennium bcp, e por isso patente na Galeria Millennium bcp no MNAC, apresenta a selecção de obras do historiador de arte Carlos Silveira, investigador do IHA que ganhou a bolsa

da Fundação Millennium bcp para estudar Jorge Barradas. Curador da exposição e autor da monografia que agora se encontra nas mãos do leitor, com a chancela MNAC/Tinta-da-china, Carlos Silveira revela-nos um novo Jorge Barradas. Possa o leitor redescobri-lo com o mesmo gosto com que este projecto de investigação

e disseminação artística foi levado a cabo pelo historiador e pelas diversas equipas envolvidas, dos vários museus e instituições à editora, neste caso, em particular, através da criativa mão da *designer* Vera Tavares, cujos esforços se uniram para colocar este livro nas suas mãos.

**EMÍLIA
FERREIRA**
Directora do Museu Nacional
de Arte Contemporânea

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 8

PRIMEIRA PARTE MAPEAR A VIDA MODERNA

‘Isto começou em 1912’	16	Bristol Club: o dia começa à noite	80
Caricatura e ilustração	24	À boca de cena	91
Publicidade moderna	32	Pintura, 1924-1930	94
<i>O Riso d’A Vitória</i>	37	Anatomia de um ‘desastre’:	
Primeira exposição individual em 1920	48	as pinturas da Ilha de São Tomé	105
O abecedário da década	56	Na defesa dos artistas	116
Cronista da fauna lisboeta	65	Popular e erudito	118
‘Dança o maxixe, seu Jorge?’	70	Pintura expandida:	
Na idade do Jazz-Band	76	encomendas públicas, 1937-1941	124

SEGUNDA PARTE PERENIDADE E FANTASIA

‘A cerâmica não é uma arte menor’	130	Conjuntos a céu aberto	177
Primeiras encomendas, 1944-1948	137	O regresso às exposições:	
Novas exposições de ‘faianças de arte’	143	sob o signo do Surrealismo	185
Mestre e guia dos ceramistas nacionais?	148	Cerâmica final, 1964-1970	194
O Palácio Atlântico		Última exposição	199
e a decoração de igrejas	153		
Obra-prima	164		
Cerâmica, 1955-1959	169		

Notas	207	Índice onomástico	227
Bibliografia	221	Agradecimentos	230

INTRODUÇÃO

Jorge Barradas criou uma das obras plásticas mais fascinantes do século XX português. Desenhador talentoso e versátil, com uma amplitude de recursos expressivos e uma capacidade de fantasia invulgar, Barradas reinterpretou, para os seus fins, alguns dos movimentos cruciais do modernismo novecentista. A sua obra atravessa momentos marcantes da cultura portuguesa do tempo, como a agitação dos anos de 1910 e 1920, o impacto do Estado Novo na criação artística e, em meados do século, o auge da decoração mural integrada na arquitectura. Um constante desejo de reinvenção e o pragmatismo profissional levaram-no pelos territórios da caricatura, da ilustração e da publicidade, da pintura e da litografia,

consolidando-se por fim na cerâmica de autor, numa longa carreira de seis décadas de intensa actividade.

Foi o típico artista moderno autodidacta, que desprezava o ensino oficial e os atavismos do meio artístico, reivindicando uma autenticidade que nenhum diploma podia dar: «Só tive uma mestra e chama-se Vida», disse numa palestra em 1963. Concretizando o credo modernista de identificar a arte com a vida quotidiana, Barradas levou, juntamente com outros companheiros de geração, novas expressões visuais a um público alargado que não frequentava as exposições de belas-arts, disseminando-as pelos meios massificados e populares da imprensa diária, do magazine ilustrado, da publicidade ou do teatro de revista.

Cedo se ligou a um grupo de artistas e escritores surgido nos primeiros anos da República,

FIG. 1 | Jorge Barradas, c. 1940
Fotografias de Mário Novais (1889-1967)
Biblioteca de Arte – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa



que se reuniam pelos cafés do Chiado ou da Baixa lisboeta, já apelidados na época de modernistas ou futuristas. Procuravam o novo e a originalidade na representação da vida urbana, as expressões mais actuais que agitavam os centros artísticos ou, como Barradas dirá mais tarde, «acertar o passo pela hora da modernidade». O movimento começou a desenhar-se nas exposições do grupo dos Humoristas em 1912-1913, quando surge acompanhado por Christiano Cruz, José de Almada Negreiros ou António Soares. No domínio literário, obteve o seu momento de glória em 1915, com o sucesso do escândalo causado pela revista *Orpheu*, em que avultaram as personalidades de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro. Barradas não se cansará de evocar o exemplo e o legado do grupo nas inúmeras entrevistas que concedeu à imprensa, já em idade madura, que terei oportunidade de convocar ao longo deste estudo.

O título deste livro e desta exposição refere-se a uma série de desenhos que Barradas apresentou na sua primeira exposição individual, em 1920, em que caricaturava tipos e situações lisboetas, que teremos ocasião de analisar. Mas esta expressão pitoresca, que o artista utilizava com fina ironia, encerra uma ideia mais abrangente e programática que dizia muito a Barradas e aos seus companheiros de geração. A ideia da Europa como uma espécie de farol da modernidade, como um sinónimo do novo e do actual e, sobretudo, da vanguarda artística da época.

Esta ideia capital no Portugal moderno verifica-se, por exemplo, na correspondência parisiense de Mário de Sá-Carneiro: eram «Europa» as poesias de Álvaro de Campos que

Fernando Pessoa lhe enviava de Lisboa, ou o casal de artistas franceses Robert e Sonia Delaunay, que se refugiaram em Portugal durante a Primeira Guerra Mundial. Chegou também a ser título de uma revista congeminação pelos dois poetas, no Verão de 1914, abandonada depois pelo projecto da *Orpheu*. «Cultura não basta. É preciso ter a alma na Europa», escrevia Pessoa por essa altura num dos fragmentos conservados na célebre arca¹. Este ideal estético e espiritual foi igualmente vocalizado em inúmeras ocasiões por Almada Negreiros, companheiro próximo de Barradas, a começar pelo célebre manifesto de apoio à exposição lisboeta de Amadeo de Souza-Cardoso, em 1916, defendendo que o pintor de Amarante era «a primeira Descoberta de Portugal na Europa do Século XX». Já Barradas, que era o mais novo dos modernistas mas tinha um especial orgulho geracional, não deixou de reivindicar para si e para os seus amigos a «europeização» da arte nacional e o início daquilo a que chamou a «arte contemporânea». Numa das últimas entrevistas dirá mesmo que era este o desígnio que unia a sua geração de artistas:

*Não havia entre nós o espírito de grupo. Cada um tinha o seu próprio caminho. Naturalmente discutíamos, trocávamos impressões, criticávamos os trabalhos uns dos outros. Mas não pretendíamos fazer escola. Se alguma coisa tínhamos em comum, era uma ambição enunciada por Almada: querer fazer de Portugal a Europa. Se o conseguimos? Esforçámo-nos por isso...*²

Este europeísmo implicava, naturalmente, uma concepção cosmopolita da modernidade, ou do que significava ser um artista do sécu-

lo XX que, no futuro próximo, seria sujeito a ambivalências e compromissos, num contexto de crise social gerada pela guerra de 1914-1918 e a subsequente ascensão das ditaduras nacionalistas. Mas também por esse motivo a carreira de Jorge Barradas foi sem dúvida exemplar.

Com rápida passagem pela Escola de Belas-Artes, Barradas cedo se ligou ao mundo dos jornais e das revistas ilustradas, desenvolvendo uma actividade de caricaturista (ou cartoonista), ilustrador e capista particularmente intensa na década de 1920. Por uma vez, Barradas foi o pintor da vida moderna que Baudelaire caracterizou celeberramente no século XIX, especialmente atento ao universo feminino, aos artifícios da moda e ao espectáculo da cidade, e extraindo do instante e do efémero imagens memoráveis da vida portuguesa daquela época, atravessada pelas mudanças sociais geradas pela guerra.

Em meados dessa década, Barradas vira-se para a pintura a óleo, com a decoração do café lisboeta A Brasileira do Chiado, mas o ponto alto da sua actividade neste campo ocorreu durante a estada na ilha de São Tomé, em 1930. Foi um período extremamente interessante e ambíguo na sua carreira, que teve, por fim, um desenlace inesperado. Procurando aliciar as autoridades da Ditadura Militar para o seu projecto, num momento inicial, Barradas lança-se depois numa das fases mais desafiantes da sua pintura, que por fim considerou um fracasso, com as consequências que iremos ver. O episódio de São Tomé levanta uma série de problemas, que podem ser examinados tendo por referência os recentes debates em torno do artista como instrumento (ou produto) do colonialismo³.

Fruto da amizade com António Ferro, mas também de uma procura do apoio do Estado à profissão artística, que Barradas defendeu publicamente, o nosso artista irá participar com regularidade na decoração das exposições nacionais e internacionais de representação do regime, bem como nos salões de arte moderna criados pelo Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), liderado por Ferro. A sua obra dos anos 30-40 mostra-se, sem dúvida, permeável ao crescente nacionalismo e à acção eficaz do Estado Novo em arregimentar para a sua causa os protagonistas do campo cultural.

Porém, apesar de reconhecido desde cedo como um dos modernistas mais preeminentes, e gozando do favor da crítica e das encomendas do Estado, Barradas só alcançará a ambicionada estabilidade financeira com a dedicação à cerâmica, ultrapassados os 50 anos. Na sequência das duas exposições individuais que realizará no SPN/SNI em 1945 e 1948, que causaram surpresa e aplauso unânime, Barradas será laureado como o «renovador» ou o «pioneiro» da cerâmica moderna em Portugal, lugar que os historiadores sancionaram até aos dias de hoje.

Barradas foi o primeiro, em muito tempo, a fazer cerâmica numa perspectiva actual, como escreveu António Valdemar ainda em vida do artista, criando uma verdadeira arte contemporânea, conferindo-lhe autonomia artística e fazendo dela uma profissão, seguida por tantos outros⁴. No intervalo de 25 anos torna-se no ceramista português mais prolífico do seu tempo, realizando uma extensa obra de decoração mural (fez de tudo: igrejas, tribunais, universidades, representações diplomáticas,

bancos, hotéis, santuários, fundações, residências particulares, etc.) a que quisemos dar um especial destaque neste livro, procurando um olhar mais abrangente que não se limitasse à selecção apresentada na exposição. Já no período final, nos anos 60, o ceramista volta em força à prática da pintura, revelando um interesse inesperado por movimentos vanguardistas como o Surrealismo e a abstracção gestual.

Frequentador diário de A Brasileira do Chiado, o emblemático café lisboeta que «ilustrava em painel e em pessoa», como escreveu Vitorino Nemésio⁵, Barradas teve uma vida pacata nos últimos anos de actividade, proporcionada pelas inúmeras encomendas e pelo prestígio cultural conquistado a pulso. Contribuiu também para isso a sua posição neutra em questões políticas, que afirmou publicamente desde muito cedo, muito antes de a ditadura se instalar no poder, em 1926. Mas isso não o impediu de cultivar amizades duradouras com conhecidas figuras da oposição ao regime, especialmente vigiadas pela polícia política, como o escritor Manuel Mendes (1906-1969), que publicou a primeira monografia sobre ele em 1962⁶; o escritor Ferreira de Castro (1898-1974), de quem ilustrou os romances e livros de viagens; ou o célebre Raul Rego (1913-2002), jornalista várias vezes preso pela PIDE, que na imprensa dos anos 60 foi o seu mais fiel e talentoso publicista. Rego escreveu reportagens admiráveis sobre a oficina de Barradas na fábrica Viúva Lamego, ou sobre a casa de férias no Murtal (Cascais), que o artista forrou de cerâmicas.

Acima de tudo estava a sua sobrevivência enquanto artista profissional. Jorge Barradas nunca teve (nem quis ter) outra profissão que

não a de artista, e assim, nas encomendas de decoração pública a que respondeu até aos derradeiros anos (ultrapassando as cinco dezenas), pode dizer-se, nas palavras de António Pedro, que «o artista serviu o profissional que se lhe impunha»⁷. Isso era perfeitamente assumido por Barradas, que afinal sempre construiu a sua carreira em estreita ligação com o mercado, dizendo aliás num inquérito a artistas e escritores, publicado em 1968, que em Portugal os «ímpetos» dos artistas profissionalizados (salvo «casos raros») eram limitados pelo gosto da maioria⁸.

Não há muitos estudos sobre a obra de Jorge Barradas. Para além do referido livro da autoria de Manuel Mendes, com um breve estudo mais introdutório do que analítico, e um opúsculo de António Valdemar publicado pela Galeria São Mamede em 1985, com as mesmas características, a outra monografia existente é uma obra de referência publicada em 1995, da autoria de António Rodrigues, historiador de arte que já em 1979 havia redigido um trabalho académico sobre o artista. Propôs uma visão geral sobre Barradas baseada numa profunda investigação e no levantamento exaustivo da biografia e da obra. Beneficiou da colaboração da dedicada viúva do artista, Laura Barradas, registando importantes informações que, fatalmente, escapariam à investigação actual. Foram também úteis os estudos de José Meco, Suraya Burlamaqui e Ana Almeida, centrados na cerâmica, ou as dissertações académicas de Carlos Figueira e de Adriana Anselmo de Oliveira, que serão referidos ao longo deste livro.

No domínio da recepção contemporânea a esta obra, o investigador tem a tarefa facilitada. Cedo ligado ao meio dos jornais, Barradas

sempre esteve muito atento ao que a imprensa escreveu sobre ele. Deixou-nos um álbum de recortes de críticas que cobrem a totalidade da sua carreira, no período 1912-1970, e outros dois com uma selecção dos trabalhos gráficos que desenhou para diversas publicações, hoje conservados na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Existem, porém, lacunas consideráveis nestes dois últimos que têm de ser procuradas nas hemerotecas. As crónicas memorialistas que publicou na imprensa dos anos 60, numa prosa elegante e imaginativa, bem como as várias entrevistas, completam a informação sobre as

suas relações e o contexto em que surgiram alguns dos seus projectos artísticos.

Este livro abrange toda a carreira de Jorge Barradas e, na verdade, tive a sorte de me terem sido dadas condições para realizar um estudo desenvolvido. Escrevi capítulos curtos, mas interligados numa lógica narrativa, para que o leitor se possa orientar com maior facilidade por entre uma obra multifacetada, singularmente enraizada nas circunstâncias de uma biografia e da época em que Jorge Barradas viveu.



FIG. 23 | Capa para a revista **ABC**, 1921
Tinta-da-china e guache sobre papel, 25,6 x 17,5 cm
CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian, Lisboa
Inv. DP994
Publicado em **ABC**, n.º 84, 16/02/1922

FIG. 24 | **ABC**, n.º 73 Lisboa, 01/12/1921
Capa de Jorge Barradas Museu Nacional do Teatro e da Dança, Lisboa

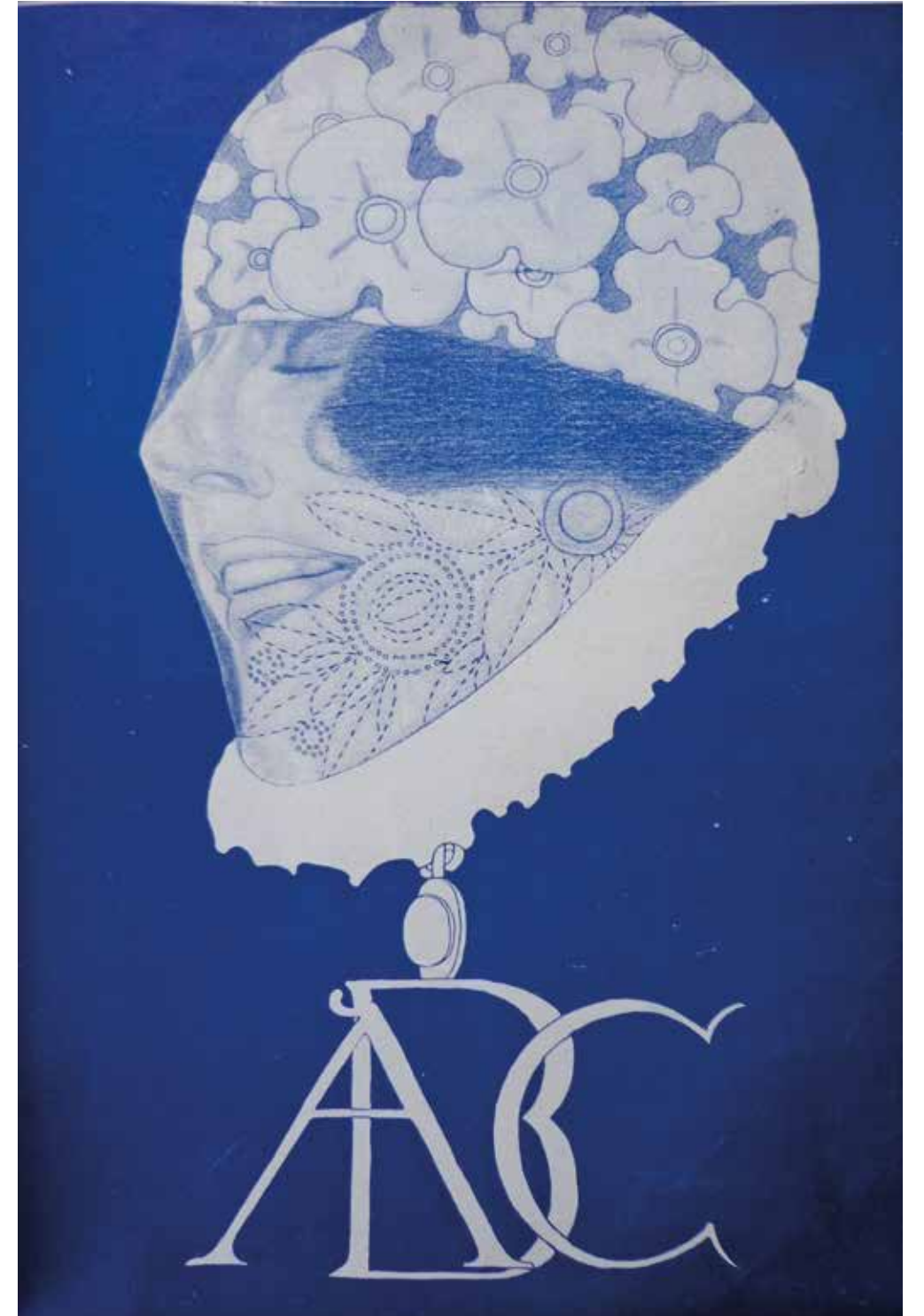






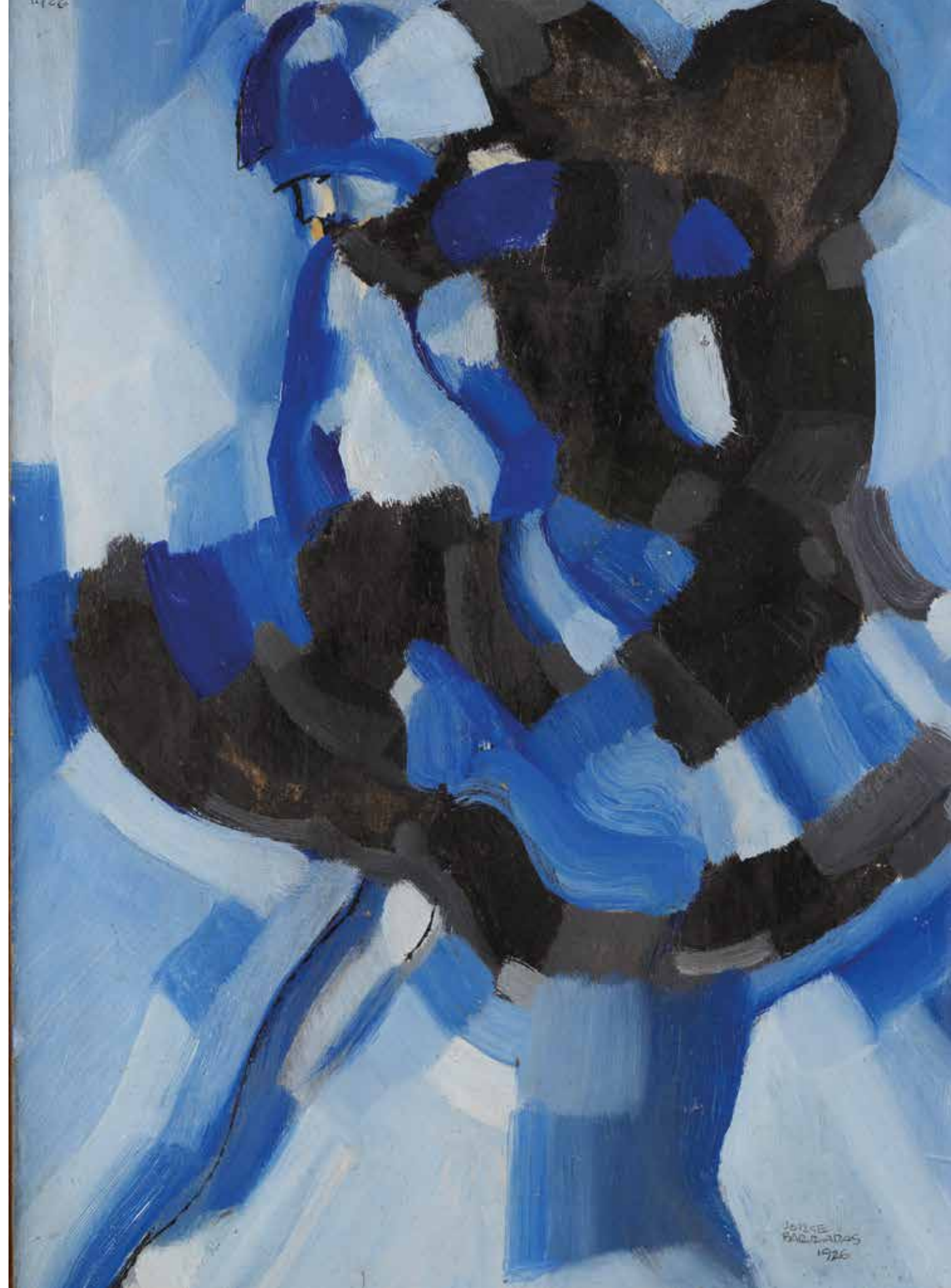
FIG. 41 | Pintura para o café A Brasileira do Chiado, 1927
Óleo sobre tela, 128 x 200 cm
Col. particular

que Barradas terá realizado para maquete de uma capa da revista *ABC*, não publicada¹¹. Representa uma dançarina, ou antes, o próprio movimento do bailado, num exercício que parece querer combinar a análise cromática dos Delaunay — aqui restringida ao azul — com o dinamismo da pintura futurista [FIG. 42]. Remetendo para o ambiente das artes performativas que Barradas frequentava, este pequeno óleo revela já uma considerável desenvoltura e apuro técnicos, mas sinaliza,

FIG. 42 | Capa para a revista *ABC*, 1926
Óleo sobre cartão, 31 x 22 cm
CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian, Lisboa
Inv. 83P328
Não publicado

sobretudo, uma via exploratória que o pintor não teve incentivos para continuar.

Pelo contrário, desde a recepção das suas recentes exposições e dos quadros para A Brasileira até às primeiras solicitações do tão ambicionado reconhecimento oficial, tudo o estimulava a desenvolver os temas populares e regionalistas, que haviam despontado na sua obra desde o início da década e que agora, a partir de 1926, no contexto de uma ditadura militar que ambicionava a regeneração do país



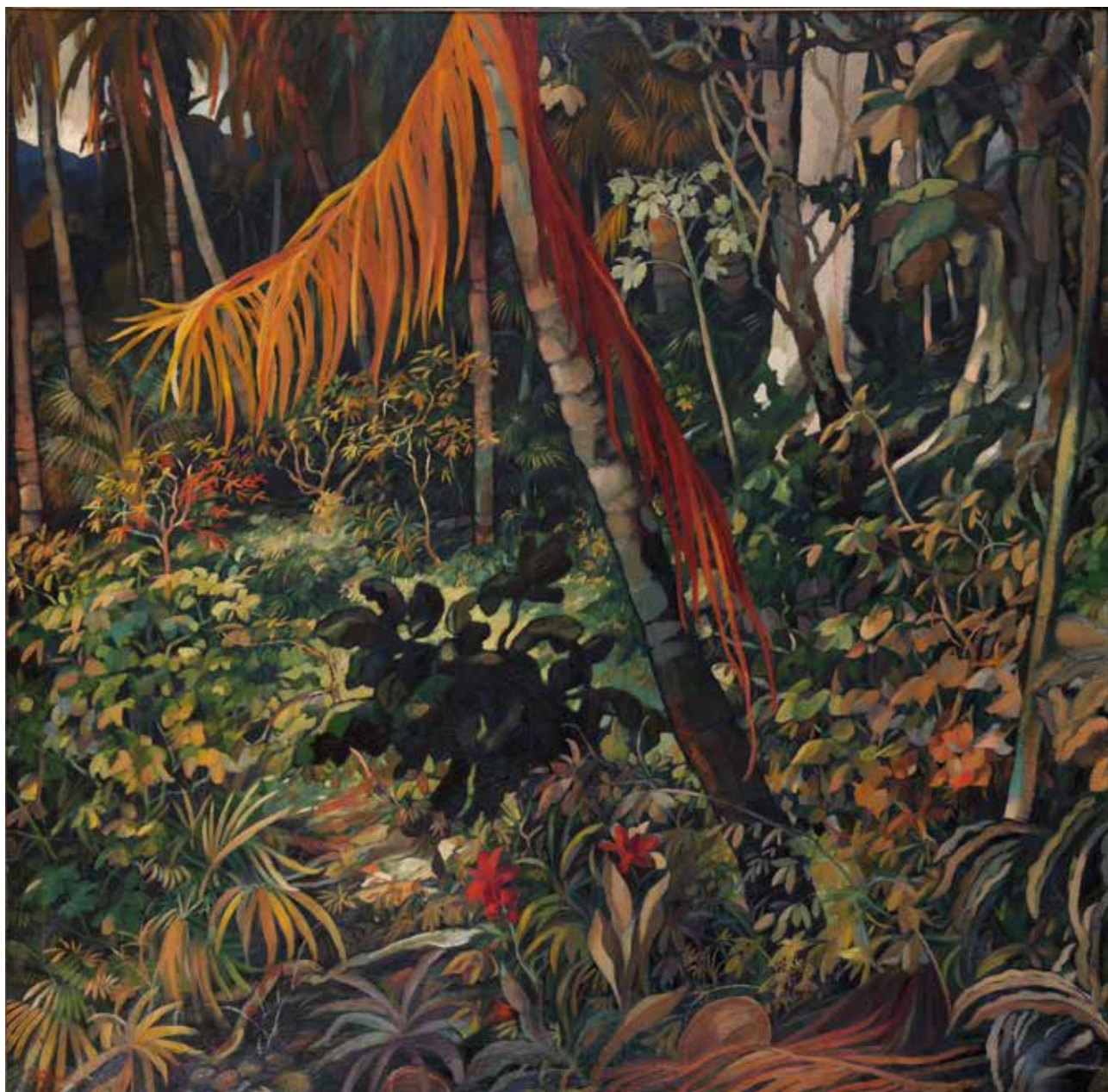


FIG. 49 | Paisagem tropical – São Tomé, 1931
Óleo sobre tela, 150,5 x 150,5 cm
Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa
Inv. 731



estas espécies em diversos apontamentos, hoje desaparecidos (ou destruídos), metodologia que revelou na entrevista de 1968²⁷. Dir-se-ia que o exotismo, a diversidade e a imensidão da flora equatorial inspiraram o artista a fugir aos cânones da paisagem convencional, florescendo definitivamente um barroquismo das formas — que não deixava espaço por preencher — e um decorativismo que veremos Barradas prosseguir até ao final da carreira. Já uma outra rara e expressiva paisagem de coqueiros da ilha (hoje na colecção da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal [AI-CEP], Lisboa) revela, talvez ainda com mais evidência, na sua plástica «espontânea» e desenvoltura técnica, os grandes progressos que Barradas fizera nesta fase enquanto pintor.

A poucos meses de inaugurar a exposição individual, e conforme planeara, o artista participaria na decoração pictórica do pavi-

lhão português na Exposição Colonial Internacional em Paris (projectado por Raul Lino), a par de colegas como Abel Manta, Dordio Gomes e Lino António. Apresentava quatro pinturas sobre motivos de São Tomé, escolhidas por um júri de selecção entre os seis esbocetos que o pintor enviara da ilha, obras que foram adquiridas pelo comissariado geral da exposição²⁸. Mário Novais fotografou quatro grandes pinturas, de formato idêntico, que parecem ser estas obras perdidas²⁹ — em duas delas figuram os assuntos típicos que Barradas terá representado, a colheita do cacau e do café [FIGS. 50 a 53]. As pinturas revelam uma notável articulação entre as figuras em corpo inteiro e os fundos preenchidos totalmente com a exuberante flora tropical, que é comum às quatro obras. É certo que Barradas, nestas decorações, voltava ao seu estilo habitual e anterior à estada na ilha, que fora

FIGS. 50 a 53 | Pinturas de Jorge Barradas para o pavilhão português da Exposição Colonial Internacional de Paris, 1931
Fotografias de Mário Novais (1889-1967)
Biblioteca de Arte – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

JORGE
BARRADAS
—
NO
JARDIM
DA EUROPA

**FOI COMPOSTO EM CARACTERES
BODONI MT E IMPRESSO PELA
GUIDE, ARTES GRÁFICAS, LDA,
SOBRE PAPEL CORAL
BOOK WHITE
DE 120 g, EM
JUNHO DE
2023.**